

A Escola da Ponte, situada na Vila da Aves, próxima à cidade do Porto, começou a ser conhecida pelos brasileiros por meio de Rubem Alves, que nela esteve em 2000 e relatou sua visita no livro *A Escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*, composto de vários artigos de sua autoria e de algumas pessoas que têm participado da sua história.

Ele confessa que tomou um susto, quando sua guia, uma aluna de nove (9) anos, antes de iniciar o *tour*, declarou:

Para entender a nossa escola, o senhor terá de se esquecer de tudo o que o senhor sabe sobre escolas. Não temos turmas, não temos alunos separados por classes, nossos professores não dão aulas com giz e lousa, não temos campainhas separando o tempo, não temos provas e notas. (ALVES, 2005).

Não temos classes separadas, 1º ano, 2º ano, 3º ano... Também não temos aulas, em que um professor ensina a matéria. Aprendemos assim: formamos pequenos grupos com interesse comum por um assunto, reunimo-nos com uma professora e ela, conosco, estabelece um programa de trabalho de 15 dias, dando-nos orientação sobre o que deveremos pesquisar e os locais onde pesquisar. Usamos muito os recursos da Internet. Ao final dos 15 dias nos reunimos de novo e avaliamos o que aprendemos. Se o que aprendemos foi adequado, aquele grupo se dissolve, forma-se um outro para estudar outro assunto. (ALVES, 2003, p. 41).

Para entender as mudanças que nela ocorreram, o seu diretor, José Pacheco, na obra em comento, descreve o isolamento pedagógico dos professores, a diversidade cultural dos alunos não reconhecida e valorizada por aqueles, a precariedade do prédio ... Diante desse quadro, o corpo docente percebeu que precisava “mais de interrogações que de certezas”, iniciando, dessa forma, um projeto, sempre renovado, que objetiva

(...) concretizar uma efetiva diversificação das aprendizagens, (...) promover a autonomia e solidariedade, operar transformações nas estruturas de comunicação e intensificar a colaboração entre instituições e agentes educativos locais. (PACHECO, 2003, p. 98-99).

As crianças que entram na série inicial passam por uma fase chamada de “Iniciação”, na qual elas aprendem os rudimentos da leitura e da escrita, bem como de Matemática. Considerando que cada uma delas é responsável pelo seu próprio tempo, espaço e objetivo de aprendizagem, a criança só passará para o estágio seguinte (“Consolidação”), quando adquirir atitudes que lhe permitam interagir com os demais membros da comunidade escolar de forma autônoma.

Transcrevo, a seguir, uma longa descrição sobre esse espaço:

O que mais fortemente começou por me impressionar na Escola da Ponte foi a doce e fraternal serenidade dos olhares, dos gestos e das palavras de todos, crianças e adultos. Ali, ninguém tem necessidade de engrossar ou elevar a voz e de se pôr em bicos pés para se fazer ouvir

ou reconhecer pelos demais – porque todos sabem que a sua voz conta e é para ser ouvida. E quem diz a voz diz o mais. Como as crianças não são educadas para a competição, mas para a entreatajuda (e o exemplo vem dos adultos, porque a rotina de entreatajuda está instituída na Escola em todos os níveis como se fosse a verdadeira matriz do seu projeto cultural), as pulsões de inveja, ciúme ou rivalidade, e toda a agressividade comportamental que lhes anda associada, estão quase ausentes dos gestos cotidianos dos membros dessa comunidade educativa. Por isso é que na Escola da Ponte não faz sentido falar de problemas de indisciplina, porque todos apóiam todos, todos acarinham todos, todos ajudam todos, todos são, afetivamente, cúmplices de todos, todos são, solidariamente, responsáveis por todos. E, não menos significativo, todos sabem o nome de todos, ou seja, todos procuram reconhecer e respeitar a identidade de todos... (SANTOS, 2003, p. 12-13).

Mas, como funciona a escola no dia-a-dia?

Não há um professor para cada turma, nem uma distribuição de alunos por anos de escolaridade. Essa subdivisão foi substituída, com vantagens, pelo trabalho em grupo heterogêneo de alunos. Dentro da cada grupo, a gestão dos tempos e espaços permite momentos de trabalho em pequeno grupo, de participação no coletivo, de “ensino mútuo”, momentos de trabalho individual, que passam sempre por atividades de pesquisa. A educação e a instrução acontecem... (PACHECO, 2003, p. 104-105).

Para tanto, diversos instrumentos pedagógicos colaboram para o amadurecimento e a consolidação dessa experiência inovadora do além-mar: comissão de ajuda, caixinha dos segredos, assembléia da escola, debate, grupos de responsabilidade ... Destaco, ainda, o fato de que todos os membros da comunidade são responsáveis por algum espaço da escola: refeitório, biblioteca, jornal, murais, correio da Ponte etc.

*A Escola da Ponte é um espaço onde se vive
o que se aprende e se aprende o que se vive.
É tão simples, não é?
Rubem Alves*

Se você quiser conhecer mais a Escola da Ponte, o seu histórico, os seus instrumentos pedagógicos, bem como uma interessante visita guiada, recentemente incluída, que permite que se conheça esse espaço, sugiro uma visita ao site: <http://www.escoladaponte.com.pt/>.

Fiquei alegre quando soube que essa experiência tem inspirado a transformação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, na cidade de São Paulo. Tendo em vista as peculiaridades dessa, foi elaborado um projeto pedagógico que busca fomentar o desenvolvimento da autonomia da aprendizagem dos estudantes.

Desde 2004, as turmas da 1ª e da 5ª séries estão funcionando no espaço onde funcionavam as três salas de cada um deles. Os cento e cinco (105) educandos

da 1ª série foram divididos em vinte e um (21) grupos de cinco (05) alunos. Semanalmente, cinco (05) grupos, sempre diversos, totalizando vinte e cinco (25) alunos, desenvolvem atividades diversas – jogos cooperativos, informática, circo, capoeira, sala de leitura, educação ambiental, música e ... a sala de aula. Em cada sala, há três (03) professores para atendê-los (<http://agenda.saci.org.br/index2.php?modulo=akemi¶metro=13785&s=noticias>).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. A Escola da Ponte (1). In: ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003. p. 39-44.

_____. *A Escola dos meus sonhos*. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/Sed/Mural/16.09.2003_01.escola.sonho.htm>.

Acesso em: 17 jul. 2005.

PACHECO, José. Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal. In: ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003. p. 97-114.

SANTOS, Ademar Ferreira dos. As lições de uma escola: uma ponte para muito longe... In: ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2003. p. 7-24.

Extraído de Barguil (2006, p. 194-197).